

Fernando Molica

Ahmed personifica a luta pela paz

Ao se lançar contra um dos terroristas que atirava contra judeus reunidos numa praia australiana, o comerciante sírio Ahmed al Ahmed, mulçumano, deu uma lição para a humanidade, algo que deveria servir como uma espécie de guia para conflitos, não apenas os do Oriente Médio.

Com seu gesto, que colocou a própria vida em risco, Ahmed buscou salvar seres humanos como ele, como qualquer um de nós. Diferentemente dos autores do atentado, ele não discriminou, muito provavelmente sequer teve tempo para saber se os alvos eram judeus, árabes, australianos de origem anglo-saxã, brasileiros, argentinos, japoneses, angolanos. Agiu para salvar seus semelhantes, seus iguais.

Esse é ponto que precisa ser ressaltado. Ao promoverem o Holocausto, ao buscarem exterminar judeus (e, em menor escala, homossexuais, ciganos, socialistas), nazistas cometeram um atentado contra toda a humanidade. Todos, de alguma forma, mesmo os que não éramos nascidos, fomos vítimas dos campos de extermínio — a memória dessa tragédia seguirá tatuada em nossas mentes.

Da mesma forma que todos somos atingidos pelo massacre cometido por Israel na Palestina; mesmo quem aprova a barbárie carregará as marcas da injustiça, da desproporcionalidade, do absurdo que representa o ataque sistemático e cruel de um Estado a um povo.

O mesmo se aplica ao apartheid e a outras formas de racismo e preconceito que ainda persistem, que insistem em separar e hierarquizar seres humanos, em nos classificar, em nos separar, em ressaltar a inviabilidade de identificação e de empatia entre pessoas de origens, comportamentos ou ideologias diferentes.

Claro que não é possível ignorar fatores históricos, muitos deles, recentes, como os ataques assassinos do Hamas em 2023. Assim como palestinos convivem há décadas com a ocupação ilegal de seu território, com a imposição de medidas que restringem ou impedem o exercício pleno de sua cidadania.

É possível afirmar, sem muita chance de erro, que cada família israelense ou palestina tem uma tragédia próxima para contar, cicatrizes que ressaltam suas justas dores.

Mas aí é preciso voltar ao exemplo de Ahmed. Com seu gesto, ele ressaltou a existência de um sentimento de humanidade maior que o desespero causado pelos lados em conflito. Com sua coragem e solidariedade, ele revelou a insanidade de nos atrelarmos aos senhores que vivem da guerra, que dela precisam; governantes que precisam do conflito para se manterem no poder ou para conquistá-lo.

Ao partir para cima do terrorista, Ahmed nos indicou um caminho e uma possibilidade, por mais arriscada que sejam. Ele poderia ter corrido dali, fugido, chamado a polícia, não estava na linha de tiro.

Mas, desarmado, partiu para o conflito, sabia que tentar salvar tantas pessoas representava também a própria salvação — talvez não conseguisse mais dormir tranquilo caso tivesse feito o aparentemente óbvio e buscasse apenas livrar a própria pele.

Mostrou ali que a busca da paz também é conflituosa, gera riscos, tem capacidade de ferir e de matar quem procura atuar pelo fim de guerras e da injustiça. Mais do que soltar pombas brancas, perseguir a paz significa ultrapassar barreiras, vencer preconceitos e certezas. Ahmed, o mais novo herói da humanidade, revelou que há um caminho, e que é preciso coragem para segui-lo.

Tales Faria

União Brasil e Hugo Motta indicam novo ministro, mas não assumem

O substituto de Celso Sabino como ministro do Turismo, Gustavo Feliciano, é filho do deputado federal Damião Feliciano (União Brasil-PB), mas o partido não assume sua indicação.

Ele toma posse em situação muito semelhante à do próprio Celso Sabino. Foi indicado e não foi pela bancada do partido na Câmara e tem padrinhos de outros partidos que não assumem publicamente o apadrinhamento.

Junto com seu pai, Feliciano será encarregado de conquistar votos do União Brasil a cada votação. É desta forma que Feliciano trará votos no Congresso. Não virá toda a bancada, mas ele terá papel importante.

Vale lembrar que o ministro que sai entrou no governo com a benção do governador do Pará, Jader Barbalho (MDB). É outra semelhança com o ministro que entra: Gustavo Feliciano também foi apadrinhado por um político de peso de fora do partido, no caso dele, o presidente da Câmara, Hugo Motta (Republicanos-PB).

O acerto definitivo para sua entrada ocorreu no último domingo, 14, no encontro em que Lula e Motta acertaram os ponteiros para votação dos projetos de interesse do governo na virada do ano. Motta é padrinho, mas não assume publicamente.

Da mesma forma, o comando do União Brasil não assume publicamente a indicação. Principal cacique do partido na Paraíba, o senador Efraim Filho declarou que não participou da es-

colha. Segundo ele, Feliciano assumiu por causa da proximidade política de sua família com o governo federal.

Em entrevista à imprensa para explicar sua saída, Celso Sabino disse que deixou o cargo por um acordo para retorno do União Brasil à base de apoio ao governo no Congresso.

Não é bem assim. O acordo não é para o União ingressar na base do governo, já que os caciques do partido continuarão afirmando que oficialmente a sigla não apoia o presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT), tanto que ameaçou expulsar Celso Sabino se este permanecesse no governo.

O acordo real é pelo ajuda de Hugo Motta à tramitação dos projetos de interesse do governo em moldes semelhantes ao mantido pelo presidente do Senado, Davi Alcolumbre (União Brasil-AP): uma proximidade não exagerada.

É isso que Lula e Motta acertaram no encontro de domingo e o presidente da Câmara começou a colocar em prática já na segunda-feira.

Com o União Brasil, o acordo é do tipo “viva e deixe viver”. Ou seja, o partido não precisa integrar a base governista, mas deve deixar votarem com o governo os deputados que quiserem. Assim como ocorre no Senado.

Na proximidade das eleições de 2026, os integrantes do partido em cada estado decidem o que fazer, já que muito provavelmente o União Brasil não terá candidato próprio a presidente da República.

Aristóteles Drummond

A marcha da insensatez do Brasil

O presidente Trump não deixa de ter razão quando justifica o tarifaço para a importação de alguns produtos brasileiros como uma atitude política. E no seu estilo próprio, explícita que está “triste com o Brasil”, mas que ama o povo brasileiro.

Realmente o presidente Lula da Silva cometeu primeiro a imprudência de declarar “apoio” na eleição americana a candidata Kamala Harris e, depois, cumpriu agenda de confronto com os EUA na política internacional. Lula, que foi saudado pela esquerda europeia e americana quando de sua eleição, acreditou que era personagem relevante na política mundial e passou a dar palpite em tudo. Não percebeu que venceu no Brasil com 38 milhões de eleitores não comparecendo ao pleito ou votando branco ou nulo, com vantagem de 1%. Não foi ele que venceu, mas Bolsonaro que perdeu, pois passou quatro anos construindo a derrota.

Embora com uma imensa popularidade em todos os segmentos da sociedade brasileira, Bolsonaro tem a mais alta – e veemente – rejeição da história política brasileira. Não tem adversários, e sim inimigos. No mais, com seu estilo informal, usando e abusando de palavras de baixo calão, foi hostilizando jornalistas e donos de jornais, desconsiderando liderança como o presidente de Portugal, Marcelo Rebelo de Sousa, a quem desconvidou para um almoço pelo simples motivo de o líder português ter feito uma visita pessoal a Lula da Silva na escala feita em São Paulo e fazendo declarações absurdas na pandemia.

Bolsonaro, primeiro, disse que a pandemia era “uma gripezinha”, depois que o isolamento não era uma boa solução para a economia, que não usaria – como não usou – máscaras, que não tomaria vacina, num suceder de bo-

bagens. Trocou o ministro da Saúde que comandava o combate à pandemia e se negava a recomendar remédios sem comprovação científica, como as tais Cloroquina e Ivermectina, indicada para doenças tropicais.

Tratou mal políticos e chegou a insultar magistrados. Gostava de fazer comentários sobre homossexuais. Um desastre. Não adiantou ter feito um governo positivo. No campo político, foi incapaz de formar alianças e nem conseguiu um vice para o ajudar como Lula fez. Seu vice foi um oficial do Exército, que nunca tinha exercido mandato e entrou na campanha mudo e saiu calado. E reclama do isolamento que ficou, contando apenas com a imensa popularidade.

Lula captou todo este descontentamento e ressuscitou uma esquerda tão enfraquecida que só tinha mesmo seu nome para competir. O Supremo Tribunal tratou de soltar Lula da cadeia e dar elegibilidade para que enfrentasse o trapalhão Bolsonaro.

Orientado pelo ex-ministro Celso Amorim, marxista de formação e que nutre antipatia pelos EUA, tomou posições hostil a Israel a ponto de ser considerado persona non grata no país, assim como manifesta sempre que pode simpatia pela Rússia e Putin na questão da invasão da Ucrânia. Mandou seu vice à posse do presidente do Irão, comemorou os 80 anos do fim da guerra em Moscou, nos BRICS vive sugerindo a troca do dólar por moedas do grupo. Tem ótimas relações com Cuba e Venezuela.

Esta semana falou na reunião do G20 criticando os EUA.

Não há como não se entender e justificar a posição dos EUA, que tende a se agravar até o final do ano. No que cedeu foi por interesse da economia americana.